

O MARAFO

Por: Adalberto Antônio Pernambuco Nogueira (in memoriam)
Presidente da União de Umbanda do Estado do Rio Grande do Sul
Publicado em três edições do Jornal JOCAB meados 1994

Marafó ou Marafa, corruptela de Malafa, é uma palavra de origem kikongo, oriunda de Malavu, designativa de aguardente pura ou da infusão, esta de ervas maceradas, muito utilizada na Umbanda pelos Preto-Velhos e, principalmente, Exus, quer pela ingestão, quer pela distribuição entre os assistentes*.

É um material dotado de grande força no campo da Magia, eis que simboliza a mais perfeita ligação entre dois elementos essencialmente antagônicos: água e fogo, por mais paradoxal possa isto acontecer, e concedendo-lhe a combustão uma vitalidade hermética. Daí a propriedade com os italianos a denominação “Acqua vita”, ou seja, água viva.

Seu poder magnético decorre exatamente desta conjugação de opostos, incomumente encontrada, o que torna assaz perigoso o seu uso pelos não iniciados.

Sua ingestão ritualística deve ser feita de molde a não conduzir à embriaguês, restringindo-se às giras de Exus e aos trabalhos de Preto-Velhos. Nas engiras das demais entidades, seu uso é limitado apenas às descargas e limpezas.

Destarte, um controle rigoroso e efetivo de ser exercido pelos cambonos no tocante à quantidade de bebida ingerida por um guia, isto se considerarmos que uma grande porção levar-nos-á, incontinentemente, a duas conclusões óbvias:

- a) – encontra-se ali um quiumba, sedento de álcool; ou
- b) – um médium, alcoólatra mistifica para satisfazer seu vício.

Baseamos nossa assertiva no fato de que, dentro da Magia Prática, o álcool é considerado – bem como todos os excedentes – um dos mais preciosos agentes de que o homem dispõe e, em contraposição, um dos que apresenta maior risco, quando imprópriamente utilizado.

Seu emprego, sob a forma de aguardente, se caracteriza por uma ação assaz rápida, de pouca profundidade e com duração efêmera.

O principal efeito decorrente de sua ingestão é a grande quantidade de força nervosa que libera, proporcionando ao ingestor a recepção de intuições e vibrações que lhe passam pelo cérebro em quantidade e número surpreendentes, dada a rapidez com que se extingue sua ação energética.

Assim, a eficácia da aguardente se exerce por um lapso de tempo relativamente curto e – isto é o mais importante – nunca se lhe deve decorrer em uma segunda vez no período, exigindo-se repouso de pelo menos duas horas de sono a que o usou com estes fins específicos, para que as forças despendidas sejam integralmente refeitas.

E este é o maior risco que o álcool proporciona na sua utilização em fins de Magia. Entidades pouco evoluídas, observando ou mesmo conhecedoras de seus efeitos positivos na transmissão de mensagens, mercê da vibração intensa que oferece, induzem o médium a repetir a dose tornando pernicioso o efeito, pois, não atingindo o mesmo elevado grau anteriormente obtido, buscam atingi-lo aumentando a dose e fazendo o aparelho pagar, destarte, com longas horas de embrutecimento, os poucos minutos de excitação inicial.

Ora, evidente se torna que indução dessa natureza jamais possa partir de uma entidade de Luz, face aos danos produzidos pelo excesso nos corpos físico e etérico do médium e este o principal argumento que nos leva a sustentar as duas opiniões já apontadas: quiumbas e mistificação.

Outro uso habitual da marafa é a da sua queima, a exemplo da tuia (pólvora), conquanto os propósitos sejam diametralmente opostos.

Assim, na combustão da pólvora, pela sua instabilidade e violência, busca-se a incineração de miasmas e larvas que perturbam e enegrecem as auras dos pacientes, ou o afastamento arbitrário das entidades obsedantes pela repercussão intensa provocada no baixo astral.

Já a aguardente, comburente moroso presta-se, graças à suavidade das chamas, de forma admirável para a destruição dos obstáculos projetados por pensamentos negativos, próprios ou alheios, que se acumulam na aura de cada um de nós, ocasionando transtornos os mais variados.

Essa dessemelhança de objetivos pressupõe, desde logo, uma substancial diferenciação entre a maneira por que se deva proceder à combustão de uma e outra, quer quanto ao elemento propiciador do evento. Num ponto, contudo, ambas as identificam: precisam ser individuais e com dosagem diretamente proporcional ao efeito que devem produzir para atingir o fim colimado.

Limitar-nos-emos, no caso, a tratar do marafo deixando a tuia para futuros estudos mais detalhados de conformidade com a complexidade do assunto.

Em princípio consideraremos um fator que se nos afigura básico jamais se acende marafo com charutos ou fósforos. Quer nos casos de incorporação, quer nos em que o aparelho se encontre apenas sob a vibração de sua entidade, deve ser utilizada a chama da vela.

As ocorrências mais suaves, onde o efeito seja mais brando e a limpeza mais amena, podemos fazer uso de pequenas vasilhas de barro – nunca de metal – colocarmos o consulente à porta de entrada, voltado para esta, e formar, com aquelas um triângulo equilátero, tendo o seu vértice voltado para o exterior.

A seguir, ater-se-á fogo à vasilha colocada à sua direita, pólo positivo, a seguir na esquerda, pólo negativo, e, finalmente, na do vértice, o neutro, produto da fusão ou soma antagônicas, isto se for homem e no sentido inverso, se mulher. Esta é uma lei mágica da qual jamais poderemos nos afastar.

Em casos de maior gravidade, formar-se-á o mesmo triângulo em se derramando, contudo, a marafa no chão, iniciando-se o fogo da mesma maneira que na anterior.

Nos gravíssimos, o triângulo, símbolo do equilíbrio, deve ser substituído pelo círculo, representativo do infinito, e a combustão principiar pelas costas do paciente.

Em qualquer dessas hipóteses a descarga será sempre realizada em frente à porta, se houver uma só, ou à de saída, se a terreira possuir duas, a fim de que os resíduos da queima sejam expelidos para o exterior do Templo.

É evidente que, como toda a prática da Magia, estes trabalhos encerrem grandes riscos.

Outro emprego da marafa, bastante difundido na Umbanda, é o banho lustral, destinado à purificação de auras sobrecarregadas. É uma cerimônia que requer especiais cuidados pois há que se tomar precauções no sentido de não se atingir a cabeça da pessoa submetida ao banho, por isso que as vibrações etílicas na marafa poderão ocasionar violentos choques com as emanadas pelo chacra coronário, com seríssimos reflexos na parte espiritual sob seu controle.

Uma vez utilizado deve ser recolhido em um recipiente de vidro, barro ou ágata e jamais em metálico não isolado ou plástico para que não se produzam reações que, ao se evolverem, turbem novamente a aura do médium.

O corpo não deve ser enxugado e, sim, seco pela evaporação natural, eis que auxilia a eliminação dos resíduos que porventura hajam permanecido.

É evidente que os banhos lustrais tenham que ser acompanhados de pontos ou rezas – conforme o ritual em que estão sendo conduzidos – e que o líquido seja auxiliado em

sua trajetória pelo corpo por passes longitudinais, dos ombros até os pés, numa mesma direção, com as mãos do executante tocando o corpo submetido à limpeza e, destarte, auxiliando a eliminação dos resíduos.

Desnecessário seria, então, dizer-se que a tarefa envolverá apenas pessoas de sexo idêntico e ao executante cumpre estar devidamente preparado no sentido espiritual, para que o trabalho surta o desejado efeito.**

Destarte, jamais a um elemento utilizado, que haja ingerido substâncias tóxicas, inclusive carne, ou que esteja em desequilíbrio emocional, poderão ser entregues missões desta espécie sem o risco de contaminar o paciente, agravando seus males ou absorver, ele próprio, os miasmas desprendidos do corpo astral, submetido à limpeza.

As sobras do banho lustral devem ser lançados sobre um verde, de preferência num cruzeiro de mata, obedecida a orientação dos pontos cardeais, em concordância com o sexo do irmão em que foi realizada a limpeza.

Teremos, pois, de proceder à colocação dos resíduos na parte ocidental do cruzeiro, observando-se sempre o pólo correspondente, ou seja, Oeste para os homens e Norte para as mulheres.

Erro crasso é deixarmos correr em ralos e, ainda maior, derrama-los em locais calçados, fora de cruzeiros, admitindo-se excepcionalmente, em grandes metrópoles, onde as matas sejam distantes, que a façam sobre a terra nua.

A descarga deve ser efetuada individualmente, inconcebível nos sendo admitir a prática usada em muitos Centros de colocarem em um só vasilhame todo o material a ser despachado.

Este é um erro de gravidade idêntica aos dos pontos de pólvora ou marafo coletivos, pois todos os magistas conhecem, de sobejo, os riscos decorrentes da mistura indiscriminada de resíduos de trabalhos de Magia, especialmente para os que são incumbidos do seu transporte até os respectivos Reinos.

(*) Para quem nunca viu uma gira de Exu, a entidade oferece aguardente à pessoas adultas, para que “molhem os lábios” unicamente e, mesmo assim, pergunta “se pode”.

(**) para evitarmos comentários de qualquer natureza, os banhos em nossa casa são preparados, faz-se os pontos e o paciente tranca-se no banheiro fazendo, sozinho (a) o seu próprio banho.

Comentários da escritora Miriam Prestes de Oxalá.

Texto distribuído pelo INSTITUTO CAMINHOS DO ORIENTE

www.institutocaminhosorient.com